EU ACABEI ESCREVENDO O ARTIGO – UM ESTUDO SOBRE A FORMA *ACABAR+GERÚNDIO* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO[*]

ALESSANDRO BOECHAT DE MEDEIROS[1]
(UFRJ)

RESUMO: Este artigo analisa as formas que envolvem o verbo *acabar* e um complemento oracional no gerúndio, como na frase *Eu acabei escrevendo o artigo*. Mostram-se evidências de que nessas construções o verbo *acabar* se comporta como um verbo de alçamento, mas seus efeitos aspectuais não incidem diretamente sobre seu complemento no gerúndio. Propõe-se então uma abordagem sintática na qual uma categoria vazia, que toma como referência uma cadeia de eventos fornecida pelo contexto, forma uma *small-clause* com a oração no gerúndio. O verbo *acabar* modifica somente a categoria vazia sujeito dessa *small-clause*, e o gerúndio fornece um intervalo de tempo que contém o ponto final da cadeia referida por essa categoria vazia, o que explica as propriedades semânticas da construção e suas propriedades sintáticas. Nas seções finais, discutem-se restrições de tempo e interpretação do verbo *acabar* nas orações com *acabar+gerúndio* e com *acabar+CP* (*Acabou que eu escrevi o artigo*).
Palavras-chave: Verbos aspectuais; verbos de alçamento; gerúndio.

ABSTRACT: This paper analyzes Brazilian Portuguese sentences with the verb *acabar* and a gerund clause, such as *Eu acabei escrevendo o artigo*. It shows that in such structures the aspectual verb *acabar* is a raising one, but with no aspectual effects on the event of the complement non-finite clause. I propose here a syntactic approach in which there is an empty category that refers to a chain of events available in discourse. This empty category compose a small-clause with the gerund clause, the aspectual verb modifies only the empty category, and the non-finite clause provides a time interval, which contains the endpoint of the chain of events available in discourse and referred to by the empty category. In the last sections of the paper, I discuss restrictions on tense and interpretation of the aspectual verb in *acabar+gerund* and in *acabar+CP* (*Acabou que eu escrevi o artigo*).
Keywords: Aspectual verbs; raising verbs; gerunds.

[*] Gostaria de agradecer a Filipe Hisao Kobayashi, Ana Pessotto e os pareceristas anônimos pela leitura do artigo e sugestões de melhoria. Quaisquer erros que permanecerem neste texto são de minha inteira responsabilidade.

[1] alboechat@gmail.com

 doi:10.20396/cel.v60i1.8649766

INTRODUÇÃO

Construções com o verbo *acabar* seguido de um VP no gerúndio, como (1) a seguir, têm a seguinte leitura: ao final de um conjunto de situações, e possivelmente a despeito de algumas delas, o evento descrito pelo verbo no gerúndio, que não está incluído nesse conjunto, ocorre.

(1) Eu acabei escrevendo o artigo,

Sintaticamente, poderíamos pensar que a oração com o verbo no gerúndio é um adjunto ao sintagma verbal encabeçado pelo verbo *acabar,* como ocorre nas sentenças em que o verbo *acabar* seleciona um complemento direto, por exemplo (2) abaixo:

(2) Eu acabei minhas obrigações acadêmicas escrevendo o artigo.

Em (2), o evento denotado pelo sintagma verbal no gerúndio pode ser um membro do conjunto das obrigações acadêmicas, a última das minhas obrigações, ou um evento que é temporalmente coincidente com a última das minhas obrigações. Então, poderíamos imaginar que em sentenças como *Eu acabei escrevendo o artigo*, *escrevendo o artigo* é um adjunto ao sintagma verbal encabeçado por *acabar*, que inclui um complemento elíptico, e há um conjunto ou uma cadeia de eventos ou situações cujo último evento é idêntico ou simultâneo ao evento denotado pela oração gerundiva. Mas essa abordagem não pode ser a correta para a sentença (1) com a leitura discutida acima. Note-se que nas sentenças em que o verbo *acabar* é de fato transitivo e a oração gerundiva é um adjunto, é possível clivar esta, como mostra o exemplo a seguir:

(3) Foi escrevendo o artigo que eu acabei minhas obrigações do semestre.

E não há qualquer possibilidade de se preservar a idiomaticidade de uma expressão na oração gerundiva, como mostra o exemplo (4) a seguir, onde o sujeito não pode ser idiomático com a presença de um complemento:

(4) A vaca acabou (seu caminho) indo para o brejo.

Ademais, parece claro que nas versões transitivas do verbo *acabar*, o predicado encabeçado por este verbo atribui uma interpretação específica para o sujeito da sentença, um papel temático, que não tem necessariamente relação com o tipo de interpretação que o VP da oração gerundiva atribuiria a este sujeito. Por exemplo, em *Eu acabei minhas obrigações acadêmicas me sentindo satisfeito*, eu sou agente do predicado *acabei minhas obrigações acadêmicas* e experienciador do predicado *me sentindo satisfeito*.

Nas sentenças como (1) acima, não pode haver um complemento nominal de *acabar* entre o verbo e a oração gerundiva, o sujeito da sentença recebe papel do predicado da oração gerundiva, a oração gerundiva não pode ser clivada, a idiomaticidade do sujeito se preserva e é possível colocar a sentença encaixada na voz passiva, como os exemplos abaixo o mostram:

(5) a. Eu acabei (*minhas obrigações do semestre) escrevendo o artigo.

b. #O prato acabou escrevendo o artigo./O prato acabou caindo da mesa.

c. *Foi escrevendo o artigo que eu acabei.

d. A vaca acabou indo para o brejo (sujeito idiomático).

e. O artigo acabou sendo escrito por mim.

Ademais, como no caso do verbo de alçamento prototípico em português, *parecer*, existe uma construção envolvendo o verbo *acabar* seguido de oração finita, com interpretação próxima à de *acabar*+*gerúndio*, que não envolve sujeito expresso:

(6) Acabou que eu escrevi o artigo.[2]

E, por fim, alguns falantes (entre eles o autor deste artigo) aceitam, em determinados contextos, sentenças como *Acabou eu escrevendo o artigo*, em que o verbo *acabar* está necessariamente na terceira pessoa do singular (**Acabei eu escrevendo o artigo*) e o constituinte que recebe papel temático do predicado da oração gerundiva (*eu*, no exemplo) está dentro da oração gerundiva.

Tudo indica, portanto, que o verbo *acabar* nas construções de que estamos tratando é de **alçamento** (cf. CHOMSKY 1981, 1986; DAVIES; DUBINSKY 2004), ao contrário do que ocorre quando a oração gerundiva é um adjunto, em que temos controle.

Na literatura assume-se que estruturas sintáticas com verbos de alçamento envolvam um núcleo verbal que seleciona uma oração não-finita cujo sujeito não tem meios de checar ou valorar seu Caso nela, e, por isso, o constituinte que é sujeito da oração não-finita é alçado à posição de sujeito da oração principal, onde valora ou checa Caso nominativo e estabelece relação de concordância com o verbo de alçamento. Concluindo, por conta dos argumentos acima, que na sentença (1) o verbo *acabar* é de alçamento, as perguntas que se colocam são as seguintes: (1) Por que, ao contrário de outros verbos de alçamento, e do próprio verbo *acabar* em outra construção (*Pedro acabou de cair da escada*), uma oração

[2] Mas aqui não existe um verbo elíptico no gerúndio: *Acabou ~~acontecendo~~ que eu escrevi o artigo*? A questão é que se houvesse um *acontecendo* elíptico seria preciso explicar por que a clivagem não é permitida quando o verbo está elíptico (**Foi que eu escrevi o artigo o que acabou*), mas o é marginalmente quando o verbo está presente: ?*Foi que eu escrevi o artigo o que acabou acontecendo*. Ademais, a existência de um *acontecendo* impediria o hiperalçamento do sujeito, que é licenciado quando não há esse verbo: *Eu acabei que escrevi o artigo* (**Eu acabei acontecendo que escrevi o artigo*).

gerundiva é selecionada, não uma oração infinitiva? (2) A semântica típica do gerúndio, simultaneidade, ou continência temporal, é a mesma que encontramos nas estruturas *acabar+gerúndio*? (3) Que significado é veiculado pelo verbo *acabar*? Que evento ele modifica?

Nas seções que se seguem procurarei responder a essas perguntas. Defenderei neste artigo um paralelismo entre construções do tipo *DP+acabar+em+DP* (*a investigação acabou em pizza*) e as gerundivas com *acabar*, propondo que (a) nas construções com gerúndio há uma categoria vazia, com uma especificação lexical particular, que introduz uma quantificação existencial sobre eventos e, ao mesmo tempo, toma uma cadeia de situações discursivamente relevantes (concebidas como uma supereventualidade), disponíveis no contexto ou pressuposta pelos interlocutores; (b) o gerúndio tem a semântica de simultaneidade ou continência temporal mesmo no contexto sintático ora analisado; (c) o verbo *acabar* serve para indicar que a cadeia de eventos referida pela categoria vazia culmina no tempo do evento descrito pela oração gerundiva.

O texto se organiza da seguinte forma. A seção 1 trata de propriedades semânticas das construções *acabar+gerúndio* que não discutimos na introdução. Trata também da estrutura sintática das construções *DP+acabar+em+DP*. A seção 2 e suas subseções desenvolvem a proposta. A seção 3 trata de temas relativos ao aspecto e ao tempo verbais nessas construções. E a seção 4 faz um curto resumo da proposta e aponta questões para pesquisa futura.

1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMA ACABAR+GERÚNDIO E TEMAS RELACIONADOS.

1.1. Do significado

A primeira intuição sobre a frase (7) abaixo é que, apesar de o predicado que contém o verbo no gerúndio atribuir tipicamente agentividade plena ao seu sujeito, há um conjunto de circunstâncias subentendidas, pressupostas ou implícitas que têm ou podem ter efeito sobre a própria consecução do evento descrito por essa oração gerundiva, mas sobre as quais o sujeito da frase não tem nenhum controle:

(7) Eu acabei escrevendo o artigo.

Essa intuição é verdadeira? Comparem-se os contextos a seguir:

Contexto 1: Tentei de todas as formas recusar um pedido de um editor conhecido: escrever um artigo sobre um assunto que não está diretamente relacionado aos meus temas de pesquisa atuais. Procurei outras pessoas mais competentes do que eu para me substituir na tarefa, mas ninguém podia fazê-lo, dado o prazo exíguo disponível. Fiquei sem graça de dizer "não" ao editor e *acabei escrevendo o artigo*.

Contexto 2: Nos últimos dois meses fiquei muito menos atarefado do que de costume na Universidade e pude me dedicar a pensar sobre alguns de meus temas de pesquisa. As circunstâncias favoráveis me permitiram dedicação exclusiva a esses temas e *acabei escrevendo o artigo que vocês estão lendo agora.*

Contexto 3: No último mês, meu cachorro morreu, o motor do meu carro explodiu dentro da minha garagem, tive que fazer duas viagens para resolver problemas familiares e fui parar, contra a minha vontade, em duas comissões, que tomaram muito do meu tempo. Apesar de tudo isso, *acabei escrevendo o artigo que você me pediu*.

Contexto 4: Comecei a trabalhar no texto e *acabei escrevendo o artigo*.

Todos os contextos, com exceção de 4, descrevem circunstâncias que estão fora do controle do narrador. No contexto 1, talvez o mais adequado, o narrador realiza a tarefa, mas foi levado a fazê-la por uma série de acontecimentos alheios a sua vontade. No contexto 2, circunstâncias favoráveis criam condições para que o narrador escreva, conforme seu desejo, seu artigo – realização impossível ou impensável, talvez, nas condições "normais". No contexto 3, uma série de acontecimentos dificulta a escritura do artigo, que mesmo assim acontece. Já o contexto 4 carece de elementos que indiquem justamente que eventos ou circunstâncias forçam (contexto 1), criam condições (contexto 2) ou desfavorecem (contexto 3) a escritura do artigo pelo narrador, e seria preciso pressupor esses elementos (ou seja, expandir o contexto) para que a sentença fosse adequadamente usada. Note-se que a frase *Escrevi o artigo* (frase também compatível com todos os outros contextos acima) seria substancialmente melhor do que a frase *Acabei escrevendo o artigo* no contexto 4.

Ao que parece, a intuição é verdadeira, e deriva do fato de que, de algum modo, está codificado na estrutura sintática das sentenças da forma *acabar+gerúndio* algum tipo de dependência entre as tais circunstâncias alheias à vontade do sujeito da sentença e o evento do qual ele é agente. O fato, contudo, de que, no exemplo (7), *eu* sou aquele que realiza a atividade de escrever o artigo em todos os contextos – ou seja, o fato de *eu* ser o agente do evento de escrever o artigo – não é de modo algum desfeito por nenhum contexto em que a forma ocorre.

Ademais, as situações 1 a 3 revelam outro fato. Imaginemos que os contextos acima explicitam um conjunto de circunstâncias (objetivas ou subjetivas) ou eventos relevantes que podemos organizar de modo que sejam componentes de uma única supereventualidade *S* com possíveis efeitos sobre a ocorrência (ou não) da eventualidade descrita pela oração gerundiva. No contexto 1, *S* (ser convidado para escrever o artigo, procurar substitutos e não consegui-los, não ter coragem de recusar, etc.) se encerra com (talvez o início d)a escritura do artigo pelo narrador. No contexto 2, as circunstâncias favoráveis e o processo associado à pesquisa – a supereventualidade que estamos chamando de *S* – redundam na (e se encerram com a) escritura do artigo. No contexto 3, a cadeia de acidentes (partes do mosaico *S*) se encerra com (talvez o final d)a escritura do artigo.

Ou seja, se nosso raciocínio estiver na linha certa, a forma *acabar+gerúndio* codifica uma relação entre o evento da oração gerundiva e uma supereventualidade *S* fornecida pelo discurso (ou pressuposta pelos interlocutores). Esta relação é tal que algum momento ou intervalo de tempo do evento descrito pela oração gerundiva contém ou coincide com o intervalo de tempo do último estágio (um ponto na linha do tempo, de fato) de *S* – ou, por outros termos, algum estágio do evento da oração encaixada demarca o fim de *S*.

Ora, uma vez que é *S* que termina na ocorrência do evento da oração gerundiva, parece plausível que o verbo *acabar* seja um modificador deste superevento, aparentemente ausente da estrutura da frase. Mas será que o verbo *acabar* não modifica também o evento da oração gerundiva? Tome-se a frase abaixo:

(8) Eu acabei pintando o muro.

Esta frase não aponta também para o fim (a culminação) do evento de pintar o muro?

Observe-se que a frase em (9), com a leitura indicada na sequência, implica necessariamente que o evento de pintar o muro atingiu seu ponto final e a anexação da locução adverbial *por X tempo* é agramatical ou contraditória:

(9) Eu acabei de pintar o muro (*por três horas).

Leitura: eu concluí a pintura do muro, e *por três horas* cria contradição.

Mas a sentença *Eu acabei pintando o muro por três horas* não é agramatical ou contraditória, e é bem simples imaginar contextos em que ela seja perfeitamente aceitável. Esta possibilidade de modificação adverbial sugere que o evento denotado pelo sintagma verbal no gerúndio não é modificado pelo verbo *acabar*, como ocorre na leitura de (9) que estou considerando.[3]

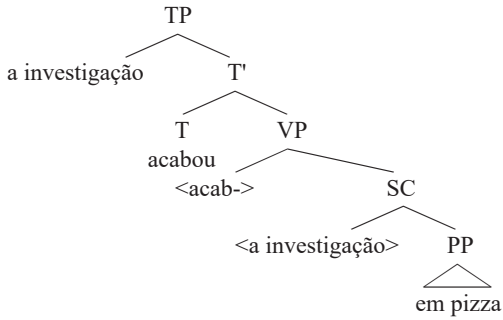
Com essa discussão, tratamos de alguns aspectos bastante importantes do significado do nosso objeto de análise. Na subseção seguinte falarei um pouco de sintaxe, mas não da sintaxe das construções do tipo *acabar+gerúndio*, e sim da sintaxe da forma *DP+acabar+em+DP*. Na seção 2, onde a proposta será apresentada, ficará mais clara a importância da discussão conduzida a partir de agora.

1.2. Da sintaxe da forma DP+acabar+em+DP

Se em *DP+acabar+em+DP* o verbo *acabar* é de alçamento (cf. RODERO 2010), e a real predicação se estabelece entre o sintagma preposicional e o DP sujeito, temos a seguinte estrutura para a frase *A investigação acabou em pizza* (nela, os constituintes entre parênteses angulados são cópias de constituintes movidos). Alguns fatos gramaticais importantes, apresentados na sequência, sugerem que a estrutura seja de fato esta.

[3] Excluo aqui a leitura "recentemente eu realizei ou estava realizando a pintura do muro", que pode combinar-se com o PP adverbial: *eu acabei de pintar o muro por três horas* pode querer dizer que, imediatamente antes de dizer a frase, eu pintei o muro por três horas, mas ainda não terminei o trabalho. Isso, no entanto, não cria necessariamente problemas para o argumento, pois as duas leituras de *acabar+de+VP infinitivo* derivam de estruturas sintáticas distintas, uma, talvez, de controle (a que foi apontada em (9)) e outra de alçamento, mencionada nesta nota.

(10)



Em primeiro lugar, quando *acabar* seleciona um complemento frasal, ele não é causativizável. Observem-se os dados abaixo:

(11) a. O trabalho acabou.

b. Pedro acabou o trabalho.

c. Pedro acabou de chegar em casa.

d. *João acabou de Pedro chegar em casa.

d'. *João acabou Pedro de chegar em casa.

e. Pedro acabou chegando em casa.

f. *João acabou Pedro chegando em casa.

As sentenças (11d) (ou (11d')) e (11f) seriam, respectivamente, versões causativas das sentenças (11c) e (11e), onde, em (11d) (ou (11d')), João teria feito com que Pedro chegasse em casa recentemente, e, em (11f), João teria feito com que Pedro tivesse chegado em casa no fim das contas. Entretanto, essas frases são agramaticais. *Acabar*, nelas, como já vimos na introdução, é um verbo de alçamento.

Assumindo que nas sequências *DP+acabar+em+DP* o verbo *acabar* tenha uma oração como complemento (uma *small-clause*), esperaríamos que se comportasse como verbo de alçamento, não licenciando causativização. E é exatamente o que ocorre:

(12) a. A investigação acabou em pizza.

b. *A polícia acabou a investigação em pizza.

Ademais, a ordem *acabar+DP+em+DP*, com posposição do sujeito sentencial, é licenciada para alguns DPs (cf. (13a)). As posposições de sujeito são tipicamente aceitáveis em sentenças que envolvam verbos inacusativos em português do Brasil (cf. SILVA, 1996), ainda que isso não valha para qualquer tipo de inacusativo. Também é possível haver posposição (abandono, de fato, se a proposta estiver correta) da quantificação do DP sujeito, como no exemplo (13b):

(13) a. Acabou tudo em pizza.

b. As investigações acabaram todas em pizza.

E ainda se pode clivar o PP deixando o sujeito da oração posposto ao verbo *acabar*, como no exemplo (14a) - sendo também comum que *acabar* não concorde com o sujeito posposto, como em (14b):

(14) a. Foi em pizza que acabaram as investigações.

b. Foi em pizza que acabou as investigações.

Os fatos em (13) e (14) justificam a ideia de que nas frases acima *tudo* e *as investigações* são (parte do) complemento do verbo *acabar* em pelo menos algum estágio da derivação. Isso, combinado à evidência em (12) (de que as sentenças com *DP+acabar+em+DP* não são causativizáveis), sugere que a estrutura apresentada em (10) é a correta para as formas *DP+acabar+em+DP*: se nelas o PP fosse um adjunto a um VP inacusativo *acabar+DP*, por exemplo, esperaríamos ser possível causativizá-las (como acontece no par (11a) e (11b)), o que é vedado.

Para terminar a discussão sobre a estrutura *DP+acabar+em+DP*, vale levantar a seguinte questão. Não seria absurdo supor que as construções em tela são, de fato, do tipo *acabar+gerúndio*, onde existe algum verbo elidido, como em *A investigação acabou (dando/terminando) em pizza.* Entretanto, o comportamento da negação contraria essa hipótese. Vejam-se os exemplos abaixo:

(15) a. *A investigação acabou não em pizza.

b. A investigação acabou não dando em pizza.

A não ser em contexto de contraste, como em *A investigação acabou não em pizza, mas em condenações*, a frase (15a) é agramatical.[4] Assim, a estrutura *DP+acabar+em+DP* não pode ser derivada de *acabar+gerúndio* por elipse do verbo no gerúndio. Ademais, a elipse não poderia aplicar-se indiscriminadamente para gerar uma sentença a partir da outra. Por exemplo, tomem-se as seguintes sentenças abaixo:

(16) a. Pedro acabou passando em casa.

b. Pedro acabou ~~passando~~ em casa.

Para que fosse verdadeira uma derivação de (16b) a partir de (16a) pela elipse do verbo *passar*, as duas sentenças deveriam ser sinônimas em algum contexto em que fosse possível recuperar o verbo elidido, mas esse não é o caso. Portanto, se existe uma relação entre as formas *acabar+gerúndio* e *DP+acabar+em+DP*, essa não resulta de uma elipse do verbo na forma não-finita.

[4] No contexto de contraste, mesmo que o verbo no gerúndio estivesse presente, a negação seria contígua ao sintagma preposicional: *a investigação acabou dando não em pizza, mas em condenações.*

Contudo, intuitivamente, existe o seguinte paralelismo semântico entre *DP+acabar+em+DP* e *acabar+gerúndio*: enquanto na frase *A investivação acabou em pizza* o conjunto de eventos ou situações (ou seus estágios) denotado pelo sintagma determinante *a investigação* termina no estado ou evento descrito pelo sintagma nominal *pizza*, o qual não é de fato um estágio da investigação, na sentença *Eu acabei escrevendo o artigo*, um conjunto de eventos ou situações (o superevento *S*), pressuposto pelos falantes ou contido no discurso, termina no evento descrito pela frase gerundiva (*eu escrevendo o artigo*) - que tampouco é parte de *S*.

Seguindo essa intuição, vamos explorar a possibilidade de haver também um paralelismo sintático entre as duas construções. Para haver paralelismo sintático, precisaremos postular a existência de um elemento que faça referência ao superevento *S* contido no discurso; além disso, haverá uma *small-clause* (doravante SC) envolvendo esse elemento e a oração gerundiva, em que a oração gerundiva fica temporalmente ligada ao evento *S*. O verbo *acabar*, inacusativo/de alçamento, toma essa SC, e, como no PP "em DP" da construção *DP+acabar+em+DP*, a oração gerundiva terá um elemento que estabelecerá a relação entre *S* e o evento denotado por ela, como ocorre com a preposição *em* em *DP+acabar+em+DP*, e esse elemento é o próprio morfema gerúndio.

O paralelismo não poderá ser total, contudo, uma vez que é possível clivar o sintagma preposicional nas sentenças do tipo *DP+acabar+em+DP* (cf. (14)), mas não a oração gerundiva nas sentenças sob análise (cf. (5c)). Essa diferença será explicada na seção a seguir.

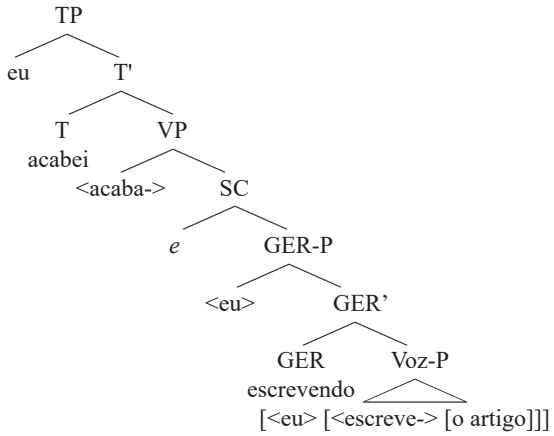
Resumindo, o que defenderei neste artigo é que a sentença *eu acabei escrevendo o artigo* pode ser mais ou menos traduzida como *S acabou em/com eu escrevendo o artigo*, sendo *S* uma cadeia de eventos que é o referente de algo "pronominal" dentro da estrutura da sentença. É claro que essa tradução não é exata, nem estou afirmando que a estrutura sintática de *Eu acabei escrevendo o artigo* é derivada da estrutura sintática de *S acabou em/com eu escrevendo o artigo*. A seção 2 a seguir apresenta a proposta em seus detalhes.

2. A PROPOSTA

2.1. Da estrutura sintática de acabar+gerúndio

A estrutura a ser explorada é a seguinte, para a sentença *eu acabei escrevendo o artigo*, que é semelhante à estrutura (10) acima. Como no esquema (10) os constituintes entre parênteses angulados são cópias de constituintes movidos, e *e* é uma categoria vazia com propriedades de eventos.

(17)



A mecânica da derivação, seguindo o desenho de Chomsky (2001), seria a seguinte: a sonda GER defectiva (pois não concorda com o sujeito e, portanto, não alberga o conjunto completo de traços ϕ) tem um traço EPP que alça o sujeito do sintagma Voz-P (cf. KRATZER 1996; PYLKKÄNEN 2007) mais encaixado, mas não valora seu traço de Caso, por ser defectiva. Assim, o sujeito da gerundiva continua ativo para a concordância. A sonda T, mais alta, varre seu domínio. Encontra o sujeito da SC, uma categoria vazia pronominal com o traço [+Evento] (*e*), como possível elemento para estabelecer a concordância, mas esta categoria vazia não tem traço de Caso e nem traços ϕ, sendo invisível para a sonda, que segue adiante, pois a SC não é fase. Sua varredura então encontra o sujeito da gerundiva, acontece a concordância, o traço de Caso é valorado (nominativo) e o sujeito é alçado para o especificador de TP para valorar seu traço EPP, gerando a ordem esperada.

Algumas questões, contudo, precisam ser esclarecidas a respeito dessa derivação. Por exemplo, que evidência ou justificativa eu tenho para postular uma categoria vazia no complemento de *acabar* (como "sujeito" da SC)? Por que esta categoria vazia é invisível para a sonda T? Outras são reformulações das questões colocadas na introdução, agora em um novo contexto: O que é veiculado pelo morfema GER? Em que termos se traduz a relação estabelecida na SC? Como o significado de *acabar* se integra aos outros elementos que constituem a derivação? O que ele modifica?

2.2. As respostas

Vamos começar pelas últimas perguntas. Como o significado de *acabar* se integra aos outros elementos que constituem a derivação? O que ele modifica?

Na estrutura acima, há dois eventos (ou um superevento *S*, fornecido pelo contexto, e um evento dado pela oração gerundiva) na SC. O evento denotado pela oração gerundiva não pode ser modificado pelo verbo *acabar* por conta do que já mostrei na seção 1 e pelo seguinte: qualquer tipo de eventualidade, de qualquer das categorias aspectuais vendlerianas, ocorre nessa oração. Por exemplo, culminações (*achievements*) (VENDLER 1967), que não têm estágios, podem figurar ali. A sentença abaixo mostra esta possibilidade:

(18) João acabou perdendo as chaves.[5]

Tudo isso sugere que o único elemento semanticamente relevante para o verbo aspectual *acabar* tem que ser o superevento *S* que serve de referência para a categoria vazia que postulei em (17) acima. Observe-se que o mesmo ocorre em relação à construção *DP+acabar+em+DP*, na qual o que de fato "acaba" é o evento denotado pelo DP sujeito, que, na estrutura (10), é, também, o sujeito da SC.

Como já disse antes, a categoria vazia postulada toma como seu antecedente um conjunto de eventos concebidos como uma cadeia que temporalmente se encerra no evento da oração não-finita (gerundiva). A ideia aqui é que o verbo *acabar* "entrega" o último subevento dessa cadeia (o último evento que é parte de *S*, ou seu último estágio), e o evento da oração gerundiva possui algum estágio temporalmente coincidente com este subevento. Tratemos dessa ideia usando o contexto 1 acima como exemplo. Depois do exemplo, formalizarei a discussão.

No contexto 1 da seção 1, o superevento *S* que compreende a situação como um todo (desde o convite para escrever o artigo, passando pelas tentativas de encontrar substitutos, a condição subjetiva de não ter coragem de recusar, etc.) termina quando o narrador escreve o artigo. Ou seja, o ponto final do superevento *S* está contido, provavelmente, no estágio (ou no ponto) inicial do evento de escrever o artigo, como representado no esquema (19) a seguir:

(19)

Em (19), o intervalo entre colchetes é o intervalo de tempo de todo o evento de escrever o artigo. O intervalo entre parênteses é o intervalo de tempo do evento mínimo final do superevento *S* – na verdade, um ponto na linha do tempo, pois o verbo *acabar* converte os eventos em culminações. Todo o resto de *S* vem antes do intervalo entre parênteses na linha do tempo.

Agora, formalizando a proposta:

Suponhamos que tanto a investigação em *A investigação acabou em pizza* quanto o superevento *S* tomado pela categoria vazia em *Eu acabei escrevendo o artigo* tenham um último estágio, que é uma subeventualidade cujo intervalo temporal (sua duração) é o subintervalo final de *S*. O verbo *acabar* tomará, então, o evento denotado ou por *a investigação* ou referido pela categoria vazia e devolve o seu "evento mínimo final" (cf. BERTUCCI 2011), ou seja, a menor parte do (super)evento (*S* ou *a investigação*, nos exemplos) que caracteriza o ponto ou estágio final desse (super)evento.

[5] Note-se que a frase *eu acabei de perder as chaves* é semanticamente anômala se considerarmos que seu significado é: "eu terminei de perder as chaves"

Sendo verdadeiras as suposições do parágrafo anterior, elas nos ajudam a responder à pergunta sobre a natureza da SC (repetindo: *em que termos se traduz a relação estabelecida na SC?*). Na SC das construções *DP+acabar+em+DP*, a relação estabelecida seria: o evento ou conjunto de eventos descritos pelo DP sujeito está temporalmente contido no evento ou estado denotado pelo DP complemento da preposição; do mesmo modo, na construção *acabar+gerúndio*, o superevento *S* dado pelo contexto, e tomado pela categoria vazia, está temporalmente contido no evento da oração gerundiva. Mas, quando o verbo *acabar* toma a SC, ele modifica somente a referência da categoria vazia ou do DP sujeito da SC, e, como o verbo *acabar* entrega seu evento mínimo final, é o intervalo de tempo deste subevento ou estágio final que de fato estará contido em algum subintervalo de tempo da eventualidade denotada ou pela oração gerundiva ou pelo DP complemento da preposição *em*. Ou seja, apesar de o verbo *acabar* tomar uma SC como complemento, ele modificará o evento mais alto (menos encaixado) nessa SC, o sujeito dessa mini-oração.

Assim, sejam *S* o superevento referido pelo sujeito da SC e *E* o evento denotado pela oração não-finita (gerundiva), a relação temporal estabelecida nessa SC é tal que o tempo do evento mínimo final (EMF) de *S* está, no caso mais geral, contido no tempo de *E*:

(20) $t(EMF(S)) \subseteq t(E)$.

A discussão acima contém a resposta para outra pergunta da subseção anterior: o que é veiculado pelo morfema GER? Este morfema, realizado por *–ndo*, tem um significado próximo ao da preposição da construção *DP+acabar+em+DP* (*A investigação acabou em pizza*), pois "localiza" um evento dentro do outro no tempo (cf. LUNGUINHO 2010). Assim, o paralelo em que estamos apostando é mais robusto, e fica claro o porquê de termos na SC uma oração gerundiva (em que se veicula continência ou coincidência temporal) e não uma oração infinitiva (que não necessariamente veicula esta relação temporal).

Antes de seguir adiante e tratar das outras questões, gostaria de reforçar que, na proposta que estou desenvolvendo, a categoria vazia encontrada na SC não é o sujeito da oração não-finita (gerundiva), como é o caso de PRO nas estruturas que envolvem controle de sujeito ou de objeto, como, por exemplo, em *Pedro quer PRO comer um pedaço de torta* (ver, originalmente, CHOMSKY 1981; para uma posição contrária à postulação de um PRO controlado nessas situações, ver, originalmente, HORNSTEIN 1999). A categoria vazia que estou propondo tampouco é um vestígio do sujeito da oração gerundiva, apesar de a estrutura sintática proposta envolver um verbo de alçamento. É importante que fique claro que o verbo *acabar* nessas construções não toma diretamente a oração não-finita, como propõem as análises tradicionais de construções de alçamento ou de controle. Se alguma dessas fosse a estrutura (uma de alçamento convencional, por exemplo), não daríamos conta de todas as propriedades discutidas anteriormente, particularmente por não termos como incluir um nó sintático para a supereventualidade *S*. Dito isto, prossigamos retomando as perguntas formuladas acima.

Que evidência ou justificativa eu tenho para postular uma categoria vazia no complemento de *acabar*? Por que a categoria vazia é invisível para a sonda T? E, acrescentando mais uma questão: *que categoria vazia seria esta?*

Para sustentar a proposta de haver uma categoria vazia dentro da SC sendo modificada por *acabar*, apresento, a seguir, dois argumentos.

A primeira pergunta que precisamos responder é: qual seria a alternativa à existência de uma categoria vazia tomando uma situação no discurso como antecedente (ou pressuposta)? Se quisermos manter a ideia de composicionalidade, sem atribuir um significado especial a uma construção específica,[6] só me ocorre haver uma entrada lexical especial para o verbo *acabar*, cujo significado inclua uma pressuposição contendo uma quantificação existencial sobre eventos e uma parte dêitica ou pronominal, que faça referência a um contexto, estabelecendo um ponto final para o conjunto de eventos relevantes desse contexto, e, ao mesmo tempo, tome como complemento uma oração gerundiva, mas não tenha efeito aspectual sobre o evento veiculado por ela. Essa hipótese é certamente pior do que propor a presença de uma categoria vazia, como PRO, *pro* ou um operador nulo qualquer, um elemento que possui justificativa independente na teoria para existir, tomando como antecedente uma eventualidade disponibilizada no discurso, mantendo as seleções e o significado básico de *acabar*.

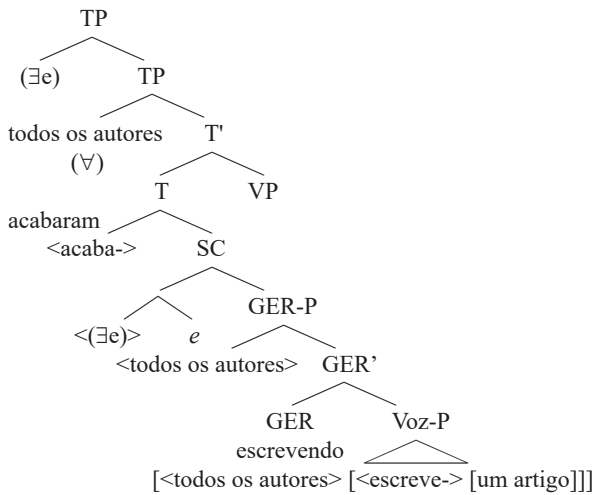
Para desenvolver o outro argumento, tomemos a frase *Todos os autores acabaram escrevendo um artigo*. Aqui, temos pelo menos duas leituras: uma em que para cada autor *x* (e o respectivo evento de escrever um artigo) existe um superevento *S* diferente e de alguma forma relevante para que *x* escreva seu artigo no final das contas; e outra em que existe um único superevento *S* de alguma forma pertinente para que cada um dos autores escreva um artigo no final das contas. Essas diferentes leituras podem ser facilmente captáveis se (a) assumirmos que existe uma categoria vazia na cabeça da SC com uma parte quantificacional (existencial) sobre eventos e uma parte dêitica, que toma o superevento *S*, e (b) esta categoria vazia (sua quantificação existencial) e a quantificação sobre os autores/eventos (*todos*) podem ter, em forma lógica, diferentes escopos uma em relação à outra.

Ou seja, tomando como certa a estrutura sintática em (17), um movimento sintático pode colocar a quantificação existencial da categoria vazia eventiva tendo escopo sobre o operador universal do sujeito, criando a leitura em que existe um único superevento *S* comum a todos os eventos particulares de escrever um artigo (por exemplo, um torneio em que um conjunto de dificuldades compartilhadas é imposto, em determinada fase, a todos os candidatos, que, mesmo assim, escrevem, cada um, um artigo sobre um assunto pré-definido, necessário para passar à fase seguinte). Caso o operador universal do sujeito (man)tenha (seu) escopo sobre a quantificação existencial da categoria vazia, teremos uma supereventualidade *S* diferente para cada autor (por exemplo, a situação em que vários autores enfrentam diferentes condições adversas, mas, no final das contas,

[6] Como fazem outras teorias linguísticas, adotando pressupostos bastante distintos dos que me orientam neste trabalho; por exemplo, a *gramática das construções* (cf. GOLDBERG, 1995; BYBEE, 2010, entre muitos outros).

conseguem escrever seus artigos e enviá-los para o mesmo número temático de um periódico).[7] Ora, se não houvesse um constituinte sintático introduzindo esse existencial sobre o evento *S*, e o próprio *S*, teríamos que complicar semanticamente a explicação para a ambiguidade de interpretação, afastando demasiadamente a forma lógica da sentença de sua representação sintática (pois as diferenças de escopo não poderiam ser explicadas com uma simples operação de movimento, possivelmente encoberto). A estrutura (17') abaixo, que dá conta da interpretação em que existe somente um superevento *S* comum a todos os eventos de escrever um artigo, decorre de um movimento, possivelmente encoberto, do quantificador existencial da categoria vazia eventiva para uma posição em que tem escopo sobre a quantificação universal do sujeito.

(17')



Note-se, ainda, que esse existencial introduzido pela categoria vazia pode estar no escopo do advérbio s*empre*, na frase *Sempre que eu encontro o Paulo, acabamos nos divertindo muito*. Aqui, as supereventualidades são distintas a cada situação, mostrando a relação de escopo entre o advérbio (que introduz um operador universal sobre os eventos de encontrar Paulo) e a categoria vazia, que vem combinada a um operador existencial.[8]

Mas qual seria a categoria vazia envolvida? Antes de qualquer coisa, é preciso dizer que o sujeito da SC em (17) (e (17')) não toma como antecedentes entidades. Em termos formais, a categoria vazia sujeito da SC toma como antecedente somente objetos que sejam do tipo semântico dos eventos ou situações (cf. DAVIDSON 1969; PARSONS 1990; HEIM; KRATZER 1998).

[7] A estrutura proposta sugere, ainda, outra possibilidade de relação de escopo, em que um único artigo é escrito por todos os autores, mas há um *S* diferente para cada um deles (ou para sua participação na escritura do artigo). Não é claro para mim se essa leitura é possível, mas não creio que isso comprometa o argumento que desenvolvi acima.

[8] Agradeço a Filipe Hisao Kobayashi por este exemplo.

A categoria vazia PRO pode referir-se a eventos, como mostra o exemplo (21a) abaixo. Na sentença, o sujeito da oração principal é um evento que controla o sujeito (PRO) da oração subordinada adverbial (uma gerundiva adjunta). PRO também pode ter um antecedente no discurso, sem ser arbitrário, como mostra (21b). Quem dá comida para o cachorro (PRO) pode ser tanto um de nós como outra pessoa contextualmente disponível – por exemplo, o dono do cachorro e da casa, que queria que entrássemos nela.

(21) a. Deitar na rede relaxou meus músculos, aliviando minha mente.

b. Dar comida para o cachorro permitiu que entrássemos na casa.

Ou seja, não há restrições referenciais em PRO que o impeçam de ser a categoria vazia na cabeça da SC em (17), pois ele pode tomar antecedente eventivo e fora da sentença.

Outras categorias vazias também podem tomar eventos e antecedentes fora de suas sentenças, como *pro* e o operador *OP* (cf. RAPOSO 1986; CHOMSKY 1977). Contudo, elas esbarram num problema incontornável: são elementos que possuem um traço de Caso para valorar. Se *pro* estivesse na posição de sujeito da SC em (17), seria alçado ao especificador de TP, e a sonda não chegaria ao sujeito da oração não-finita, impedindo a valoração do seu traço de Caso. Se fosse o operador *OP*, este seria alçado para a posição de especificador de CP para tomar o antecedente (tópico) no discurso (inspirado na proposta de RAPOSO 1986), não conseguindo valorar seu traço de Caso. Assim, considerando as alternativas, defenderei, tentativa e provisoriamente nesta pesquisa, que a categoria vazia em questão seja um PRO.[9]

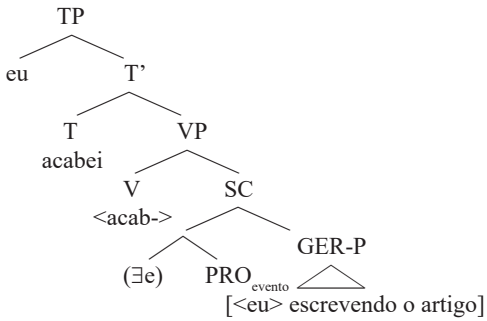
Com base nos pontos discutidos, e ainda de maneira exploratória, proporei que justamente por não possuir um traço de Caso para valorar (sendo um PRO), a categoria vazia não estará ativa para a sonda T em (17). Além disso, por referir-se obrigatoriamente a um evento, proponho que sua matriz de traços seja, por um lado, empobrecida, sem os traços de pessoa e número dos DPs convencionais, que se referem tipicamente a entidades, mas, por outro lado, enriquecida pela presença de um traço que indique que seu antecedente deve ser obrigatoriamente um evento. Ou seja, a matriz do PRO que ocorre em (17) - mas não do PRO nominal que encontramos no contexto convencional de controle por antecedentes não-eventivos - é [+Anafórico, +Pronominal, +Evento], e sua referência será uma cadeia de eventos contextualmente disponível (ou pressuposta), não necessariamente expressa por um constituinte sintático. Com isso respondemos à pergunta: por que a categoria vazia é invisível para a sonda T?

[9] Há, contudo, duas dificuldades nessa escolha. A primeira é que, em Chomsky (1995), entre outros trabalhos, propõe-se que PRO tenha um traço de Caso nulo que precisa ser checado com um T não-finito. Se isso for verdade, haveria um problema na derivação exemplificada em (17), pois não haveria um T não-finito para checar esse Caso (a não ser que houvesse um estranho movimento «para baixo», que anexasse PRO a um segundo especificador do TP gerúndio dentro da SC, hipótese que vou desconsiderar). O segundo problema é que a literatura principal sobre PRO (e. g., CHOMSKY, 1981), dentro da tradição GB, defende que PRO é uma categoria vazia não-regida; contudo, na estrutura (17), PRO estaria sendo regido pelo verbo de alçamento *acabar*. Apesar dessas dificuldades, que não são de modo algum incontornáveis, manterei neste artigo a posição de que se trata de um PRO com algumas propriedades bem particulares, conforme discutido acima e na sequência.

Para concluir a discussão sobre a categoria vazia, e retomando a argumentação, baseada em escopo sintático de operadores, para a ocorrência dessa categoria vazia nas estruturas (17) e (17'), repito que o constituinte que ocupa a posição de sujeito da SC é algo mais complexo, incluindo não só o elemento pronominal eventivo (PRO), mas também um quantificador existencial tomando eventos. Essa estrutura complexa está representada em (17'). Semanticamente, esse constituinte nos diz que existe um evento *e* tal que *e = S*.

A estrutura para *Eu acabei escrevendo o artigo*, depois dos movimentos visíveis, é apresentada em (22) a seguir, que é uma simplificação de (17), mas com o acréscimo do existencial sobre eventos e do PRO formando o constituinte eventivo que é sujeito de SC.

(22)



O fato de o sujeito da sentença ser um sujeito alçado a partir de GER-P explica porque a oração não-finita não pode ser clivada. Daí a assimetria entre as construções *DP+acabar+em+DP* e as construções *acabar+gerúndio* no que diz respeito à clivagem.

Para terminar a seção, gostaria de retomar a discussão sobre a intuição de que tratei na seção 1.1. Arrisco-me a dizer que, de alguma forma que ainda não entendo, a SC cria uma relação em que *S* é pertinente para a consecução de *E*; essa relação é vaga, com *S* podendo favorecer ou desfavorecer *E*. Assim, a presença, na estrutura sintática, de um elemento fonologicamente vazio introduzindo *S*, cujos subeventos não possuem relação necessária com (ou incluem) as intenções ou ações do sujeito (agente) da sentença, explica por que entendemos que a construção *acabar+gerúndio* codifica falta de controle do sujeito sobre algo que é ou pode ser importante para a consecução do próprio evento de que participa (*E*), apesar de ter controle pleno (ser agente) da ação *E*.

3. ALGUMAS QUESTÕES SOBRE O TEMPO E O ASPECTO VERBAIS

Um fato curioso sobre essas construções é que elas não aceitam tempos compostos com o verbo *acabar* no gerúndio, ao contrário do que ocorre com outros verbos de alçamento, como *parecer*. Vejam-se os exemplos a seguir:

(23) a. *Eu estou acabando escrevendo o artigo.
b. *Eu estive acabando escrevendo o artigo.
c. *Eu tenho acabado escrevendo artigos.
d. ?Eu tinha acabado escrevendo um artigo.
e. Eu vou acabar escrevendo o artigo.
f. Eu ia acabar escrevendo o artigo.
g. Eu acabo escrevendo o artigo.
h. Eu acabara escrevendo o artigo.
i. Eu acabei escrevendo o artigo.
j. Eu estou parecendo escrever o artigo.
k. Eu estive parecendo escrever o artigo.
l. ?Eu tinha parecido escrever um artigo.
m. Eu tenho parecido escrever artigos.
n. Eu vou parecer escrever o artigo.
o. Eu ia parecer escrever o artigo.
p. Eu pareço escrever o artigo.
q. Eu pareci escrever o artigo.

Os exemplos em (23) mostram que é possível, de fato, pôr o verbo *acabar* em quase qualquer tempo verbal, desde que este tempo não seja o pretérito perfeito composto nem algum exclusivamente expresso por uma perífrase envolvendo o gerúndio. Não tratarei do pretérito perfeito composto, que tem propriedades bem particulares (ver, a respeito desta forma verbal, GIORGI; PIANESI 1997; SCHMITT 2001; BERTINETTO; BIANCHI 2003; MOLSING 2006; MEDEIROS 2010; entre outros);[10] então, a pergunta que tentarei responder nesta seção é: o que impede que o verbo *acabar* ocorra no gerúndio nas formas estudadas neste artigo? Vejamos.

Um caminho para a resposta seria considerar o fato de que as formas compostas não aceitam, de modo geral, dois gerúndios consecutivos:

(24) a. *Eu estou estando escrevendo o artigo.

Isso é explicável em (24) por restrições sobre alguma versão da camada flexional expandida, como o fato de só haver uma camada aspectual nela, por exemplo. Essa explicação, contudo, não é compatível com a nossa proposta, pois os dois gerúndios não estariam na mesma projeção flexional expandida.

[10] É importante reconhecer, contudo, que os tempos verbais compostos com particípio passado são, ainda, de um modo geral, degradados nas formas *acabar+gerúndio* (e talvez mais ainda nas formas *acabar+CP*, como veremos a seguir). Não tenho explicação para isto.

 doi:10.20396/cel.v60i1.8649766

Podemos nos perguntar, então, se o problema não seria o fato de o último estágio do superevento *S* ser sempre um ponto na linha do tempo, não tendo estrutura temporal interna, e não podendo ser "visto" em processo, como requerem os tempos que envolvem essa forma. Essa parece ser uma explicação plausível, mas a questão não é tão simples assim. Atentemos para o seguinte: se a restrição é a que apresentamos acima, a forma com gerúndio se tornaria mais aceitável com interpretação habitual ou iterativa. Façamos então um teste. As sentenças (25a) e (25b) têm leituras habituais ou iterativas. A leitura de (25b) aponta para uma espécie de "hábito" recente, algo que tem ocorrido repetidamente nas últimas viagens. (25c), contudo, é agramatical, a despeito de (25a), com leitura habitual, não o ser:

(25) a. Eu sempre acabo perdendo as chaves nas viagens.

b. Eu sempre estou perdendo as chaves nas viagens.

c. *Eu sempre estou acabando perdendo as chaves nas viagens.

Por quê? Minha aposta é que a intuição acima, de que o verbo *acabar* cria um evento pontual incompatível com o tempo progressivo, está basicamente correta, mas não totalmente. A questão é que o evento modificado por *acabar* não tem um estágio prévio à culminação identificável ou homogêneo, e a sentença com a forma progressiva não pode ser interpretada por não poder designar esse estágio.

Com efeito, a forma progressiva (*estar+V-gerúndio*) sempre aponta para a constituição temporal interna do evento quando ele é durativo, mesmo quando expandimos o intervalo que inclui o evento e forçamos uma leitura habitual. Veja-se o exemplo (26) abaixo, que envolve um processo culminado (*accomplishment*) no gerúndio com um advérbio que força uma leitura habitual.

(26) Eu sempre estou escrevendo um artigo.

Aqui, mesmo sendo um hábito, estou falando de um processo, não de um evento culminado; um processo que se repete, mas que é sempre visto na sua constituição interna. A sentença (26), por exemplo, não acarreta que a escritura dos artigos tenha sido terminada. É perfeitamente possível dizer: *Eu sempre estou escrevendo um artigo, mas nunca termino nenhum*. Agora compare-se (26) com (27) abaixo.

(27) Eu sempre escrevo um artigo.

A sentença (27) não pode ser coordenada com *mas nunca termino nenhum* sem ser contraditória.

Passemos então ao que ocorre quando colocamos o verbo *acabar* no progressivo:

(28) Eu estou acabando de escrever o artigo.

Aqui, a culminação para a qual o verbo *acabar* aponta, o fim da escrita do artigo, não é aquilo referido na sentença. Trata-se de estágio prévio, e o artigo pode nem mesmo ser concluído. O processo, que está em andamento, no entanto, é perfeitamente identificável em suas fases, e o verbo *acabar* no progressivo consegue apontar para esta etapa prévia.

Agora vejamos o que ocorre em (25c). Ali, o evento *S* não tem um estágio prévio à sua culminação que seja identificável. A eventualidade *S* envolve uma gama heterogênea de processos independentes, cuja ordenação temporal não é evidente. A ideia, aqui, é que o progressivo do verbo *acabar* não pode referenciar esta etapa do evento *S*, o processo anterior à culminação, e a sentença não é aceitável.

Além disso, sendo o paralelismo entre as construções *DP+acabar+em+DP* e *acabar+gerúndio* real, esperaríamos que, pelo fato de o DP sujeito ser um evento com estágios perfeitamente identificáveis em frases como (12a), o progressivo do verbo *acabar* fosse aceitável nelas – o que se verifica:

(29) A investigação está acabando em pizza.

E quando o sujeito não denotasse um processo explícito, com estágios identificáveis, o progressivo não fosse aceitável – o que também se verifica:

(30) *O João está acabando em casa.

Veja-se ainda que alguns predicados, em determinados contextos, mesmo denotando culminações em outros, podem ter estágios prévios bem definidos, e é possível usar o verbo *acabar* com eles, no gerúndio, como em (31) abaixo, num contexto em que estou, por exemplo, descarregando as malas ao voltar de uma viagem longa:

(31) Não vou atender ao telefone! Ainda estou *acabando de chegar*!

A tarefa, contudo, de encontrar um contexto que melhore a frase (32) abaixo é muito mais árdua, justamente pelo fato de não haver um evento ou estágio prévio identificável pelo gerúndio:

(32) *Eu estou *acabando de perder as chaves*.

Assim, o problema deve de fato residir na natureza pressuposta para o superevento *S*, não em alguma restrição sobre a simples coocorrência de formas nominais de verbos, ou no fato de a locução que envolve *acabar* e o verbo no gerúndio participarem da mesma projeção expandida da camada flexional da sentença.

 doi:10.20396/cel.v60i1.8649766

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS E QUESTÕES EM ABERTO

O objetivo deste artigo foi apresentar um tratamento composicional para a forma *acabar+gerúndio*, a qual tem sido deixada de lado, ou somente parcialmente analisada, em boa parte da literatura sobre aspectuais em português do Brasil (ver, por exemplo, OLIVEIRA at alii 2004; RODERO 2010; BERTUCCI 2011; entre muitos outros).

A ideia explorada no artigo foi que o aspectual *acabar*, que é um verbo de alçamento, estabelece o ponto final (a culminação) de um superevento heterogêneo *S* dado no contexto; a oração gerundiva define o intervalo temporal e o evento em que essa culminação acontece. Sintaticamente, uma categoria vazia compõe uma SC com a oração no gerúndio, e essa SC é o complemento do verbo *acabar*; a categoria vazia toma como antecedente o superevento *S* fornecido pelo contexto. Ela é invisível para a sonda T e esta chega ao DP ativo para a derivação (sem Caso valorado), sujeito da oração gerundiva, alçando-o para o especificador do TP, a posição de sujeito da sentença inteira. O fato de os dois eventos, *S* e o veiculado pelo sintagma verbal em GER-P, *E*, estarem diretamente relacionados na estrutura sintática sob o nó SC leva a uma leitura em que *S* tem efeitos sobre, ou algum tipo de pertinência para, a ocorrência de *E.*

Algumas lacunas, contudo, precisam ser preenchidas nesta pesquisa. Particularmente, a seguinte questão: qual é a relação entre a forma *acabar+gerúndio* (*Eu acabei escrevendo o artigo*) e *acabar+CP* (*Acabou que eu escrevi o artigo*)? Aqui também temos uma categoria vazia que retoma um evento contextualmente disponível, modificada pelo verbo *acabar*? Se sim, como relacionamos, sintaticamente, esta categoria vazia com o CP? Qualquer que seja a estrutura sintática de *acabar+CP*, ela terá que dar conta dos seguintes fatos:

Nas formas em que o CP está envolvido, é possível que a oração encaixada ocorra com qualquer tempo verbal:

(33) a. Acabou que eu vou escrever o artigo.

b. Acabou que eu tinha escrito o artigo.

Mas não é permitido colocar o verbo *acabar* em qualquer tempo verbal, ao contrário do que ocorre com quase todos os tempos verbais nas formas *acabar+gerúndio*:

[11] Um dos pareceristas pergunta se a frase não é agramatical por conta de uma possível perda das propriedades de verbo de alçamento de *acabar* nos exemplos com tempos compostos no passado. Não é claro para mim como se daria essa perda. Parece-me uma incompatibilidade temporal/aspectual de algum tipo, não uma questão de perda de propriedades gramaticais específicas do verbo *acabar*. Mas a questão é complexa e será retomada em pesquisa futura.

(34) a. *Tinha acabado que eu escrevi/tinha escrito o artigo.[11]

b. *Tem acabado que eu escrevo artigos.

b. Vai acabar/Acabará que eu vou escrever o artigo.

c. Acaba que eu vou escrever/escrevo o artigo.

d. Acabou que eu escrevi o artigo.

e. Acabou que eu vou escrever o artigo.

A questão que os exemplos colocam é: se nessas construções também temos um evento contextual sendo tomado por uma categoria vazia, a relação temporal entre este evento contextual e o evento denotado pela oração finita é a mesma que encontramos na forma *acabar+gerúndio*?

Certamente, o evento contextual, se é referido na estrutura sintática das sentenças do tipo *acabar+CP*, não precisa terminar no evento denotado pelo verbo da oração finita encaixada, ao contrário do que ocorre com as formas *acabar+gerúndio*, como mostra o exemplo a seguir.

(35) Acabou que eu (já) tinha escrito o artigo.

Contexto compatível com (35) pode ser um em que eu me comprometo com o editor de um periódico a escrever um artigo sobre determinado tema, me atrapalho com um conjunto de dificuldades imprevistas, o prazo está para terminar sem que eu tenha conseguido sequer começar a escrevê-lo, mas, no último minuto, me lembro de que havia escrito um artigo sobre o mesmo tema, sem jamais tê-lo publicado, e o apresento ao editor. Ou seja, o final do superevento *S* que está sendo considerado é posterior ao intervalo em que ocorre o evento de escrever o artigo.

Mas note-se que isso faz sentido se a proposta desenvolvida neste artigo está no caminho certo (e, portanto, serve de reforço a ela): em (35), a oração encaixada não está no gerúndio e não disponibiliza um intervalo de tempo em que se encaixar o subevento final de *S*; pelo contrário: o tempo do verbo no CP está ancorado ao momento da fala ou da emissão da frase. Portanto, as relações temporais entre os eventos *S* e *E* não necessariamente serão, nas construções *acabar+CP*, as mesmas que encontramos nas construções *acabar+gerúndio*.[12]

[12] Uma questão que se pode levantar neste ponto é se a pertinência de *S* para a consecução de *E* se verifica aqui. Aparentemente, não, pois o evento de escrever o artigo é anterior ao *S* considerado. Mas, de alguma forma, nossa intuição nos diz que o superevento *S* é pertinente para *E*, nem que seja para definir um uso ou finalidade para o resultado de *E*. Uma elaboração melhor desse ponto será feita em pesquisa futura. Mas note-se que a pertinência de *S* para a consecução de *E* nas formas *acabar+gerúndio* deve seguir-se justamente do fato de que, na proposta, *S* termina num tempo em que o evento denotado pelo gerúndio está em algum estágio de seu progresso.

O tema é muitíssimo interessante, mas envolve um investimento que extrapola as finalidades deste artigo. Creio, entretanto, que a resposta para esta pergunta esteja relacionada com a restrição a tempos verbais que encontramos nos exemplos (34): existindo também aqui uma SC combinando uma categoria vazia eventiva e uma oração finita, e estando o tempo do evento da oração finita definido em relação ao tempo da fala, restringem-se as possibilidades de modificação aspectual do superevento *S* associado.

Mas esse ponto particular fica para pesquisa futura.

REFERÊNCIAS

BERTINETTO, P. M.; BIANCHI, V. "Review article: Tense, aspect and syntax". In: KEIN, W. Linguistics – an interdisciplinary journal of the language sciences. Mouton de Gruyter, Berlin/ New York, vol. 41, n. 3, 2003, pp. 565-606.

BERTUCCI, R. A. *Uma análise semântica para verbos aspectuais em português brasileiro*. Tese (doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BYBEE, J. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CHOMSKY, N. "On Wh-Movement". In: CULICOVER, P.; AKMAJIAN, A.; WASOW, T (orgs.). *Formal Syntax*. Academic Press, New York, 1977, pp. 71-133.

CHOMSKY, N.. *Lectures on Government and Binding: the Pisa Lectures*. New York: Mouton de Gruyter, 1981.

CHOMSKY, N.. *Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use*. Praeger Publishers: New York, 1986.

CHOMSKY, N.. *The Minimalist Program*. Current Studies in Linguistics, 28. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

CHOMSKY, N.. "Derivation by Phase". In: KENSTOWICZ, M. (ed.). *Ken Hale: A Life in Language*, Cambridge: MIT Press, 2001, pp. 1-52.

DAVIDSON, D. "The Individuation of Events" (1969). In *Essays on Actions and Events*. Oxford Universtiy Press: Oxford, 2001, pp. 163-180.

DAVIES, W. D; DUBINSKY, S. *The Grammar of Raising and Control – A Course in Syntactic Argumentation*. Blackwell Publishing, 2004.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. *A Posição Sujeito no Português Brasileiro: Frases Finitas e Infinitivas*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

GOLDBERG, A. *Constructions: a Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HEIM, I.; KRATZER, A. *Semantics in Generative Grammar*. Blackwell Publishing, 1998.

HORNSTEIN, N. Movement and Control. *Linguistic Inquiry*, 1999, pp. 69-96.

KRATZER, A. "Severing the External Argument from its Verb". In: ROORYCK, J.; ZARING, L. (eds.), *Phrase Structure and the Lexicon*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1996.

LUNGUINHO, M. V. S. *Verbos auxiliares e a sintaxe dos domínios não-finitos*. Doutorado (tese em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MEDEIROS, A. B. "O pretérito perfeito composto e sua interpretação". *Revista Linguíftica*, Rio de Janeiro: UFRJ, v. 6, n. 1, 2010, pp. 86-102.

MOLSING, K. "Tempo e aspecto do presente perfeito em inglês e português". *Revista Letras*, Curitiba: UFPR, v. 69, 2006, pp. 133-156.

OLIVEIRA, F.; CUNHA, L. F.; GONÇALVES, A. "Aspectual Verbs in European and Brazilian Portuguese". *Journal of Portuguese Linguistics*, 3, 2004, pp. 141-173.

PARSONS, T. *Events in the Semantics of English: A Study of Subatomic Semantics*. MIT Press: Cambridge, MA, 1990.

PYLKKÄNEN, L. *Introducing Arguments*. Cambridge: MIT Press, 2007.

RAPOSO, E. P. "On the Null Object Construction in European Portuguese". In: JAEGLI, O.; SILVA-CORVALÁN, C. (eds.) *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris, pp. 373-390.

RODERO, A. G. *Construções com o verbo acabar em português brasileiro*. Dissertação (mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SCHMITT, C. "Cross-Linguistic Variation And The Present Perfect: The Case Of Portuguese". In: Natural Language and Linguistic Theory, v. 19, n. 2, Springer Netherlands, 2001, pp. 403-453.

VENDLER, Z. "Verbs and Times". *The Philosophical Review*, v. 66, n. 2, 1957, pp. 143-160.